

O AUTOR

**Pedro Serico Vaz Filho**

Jornalista e Radialista. Professor de Radiojornalismo e História do Rádio e da Televisão na Faculdade Cásper Líbero e na Universidade São Marcos, São Paulo. Coordenador da Rádio Gazeta AM Universitária

## PRODUÇÃO EM RÁDIO

Dinâmica do trabalho na área da produção em rádio exige dedicação e criatividade

**Q**uando se diz que a paixão pelo trabalho em rádio é como beber cachaça, ou seja, tomar o primeiro gole e não largar mais, é pura verdade. Seja em qual for o setor. Levando em consideração que no Brasil, entre as mídias, a radiofônica é a que menos remunera. Isso principalmente por causa das cotas publicitárias. A maioria das verbas vai para a televisão, fato que justifica o apelido que o rádio tem de “primo pobre da comunicação”. A pobreza, porém, está só na entrada do dinheiro, ou na má administração do mesmo. É redundante, mas vale repetir, o rádio é sem dúvida o mais poderoso veículo de comunicação.

As ondas sonoras chegam onde não se pode imaginar, que o digam os dextistas – ouvintes da frequência ondas curtas. A prestação de serviço, então, tem resultados imediatos. É um poder quase mágico. Sem contar que o rádio ainda dita

muitas das pautas aproveitadas pelos jornais, revistas e televisão. Só não entendo porque os jornais impressos têm cadernos semanais de televisão e nenhum de rádio, já que são mais de quatro mil emissoras espalhadas pelo Brasil. Enfim, foi o fascínio pelo meio rádio que me levou a mudar de profissão. Dos 18 aos 27 anos de idade atuei na área de Recursos Humanos de uma grande empresa em São Paulo (Continental Crédito Imobiliário). O salário era ótimo, mas de tanto ouvir rádio sonhava em um dia deixar de ser somente ouvinte.

Aos 24 anos desisti da faculdade de Administração para fazer Jornalismo. Aos 28, ainda no último ano da faculdade, saí da empresa onde trabalhava para iniciar carreira na rádio Record, como radioescuta. O salário era o mínimo da época e eu dividia os turnos com uma rapaziada aproximadamente dez anos mais nova. Isso não era pro-

blema. Já havia bebido a tal da cachaça e dali em diante era só decolar. Pelo menos era a minha determinação.

O duro é que a minha nova carreira teve início logo no primeiro dia do ano de 1990. Todas as minhas economias, formadas pela indenização da empresa onde trabalhava, estavam depositadas numa poupança. Isso me serviria para suportar o baixo salário. Resultado: o Plano Collor chegou e confiscou o meu cofrinho – o nosso. Por incrível que pareça, mesmo *aballado* de verde e amarelo, a minha paixão pelo rádio só aumentou a partir daí. Passei a ler mais e a trabalhar mais, para entender o que acontecia com o país naquele momento. Mesmo sem ganhar adicional, além de escuta, passei a fazer pequenas reportagens.

As leituras de livros e a do *Manual de radiojornalismo*<sup>1</sup>, escrito por Maria Elisa Porchat, me ajudaram muito. As broncas do então meu chefe Covas Júnior eram paternas. Foram seis meses de muita dureza e aprendizado. Em agosto do mesmo ano me transferi para o antigo jornal Diário Popular, onde trabalhei como repórter e fazendo *free* para algumas emissoras.

O retorno ao rádio aconteceu em 1994, na rádio Capital, que possui uma programação popular. Lá fiquei cinco anos. Iniciei como repórter e produtor, ao lado da jornalista Sonia Abrão. Dividíamos horário com a equipe de esporte de Eder Luiz, com o jornalismo de José Nelo Marques, informativos do lendário Luiz Lopes Correa, o musical de Moraes Sarmiento, e os populares apresentadores: Eli Correa e Paulo Barboza. Fazíamos de

tudo, jornalismo, fofoca, receitas de bolo, programação musical, assistencialismo etc. Muitas vezes chegava à emissora com o dia amanhecendo e saía sabendo que dali a poucas horas estaria de volta. Mal deixava uma reportagem e já encarava outra. Fechava uma produção iniciando a próxima.

O batente tornou-se um vício, quebrando todos as definições de rotina. Muitas vezes, chegava à redação e só voltava para casa alguns dias depois. Viagens surgiam e eu não recusava nenhuma. Mesclava a atividade de repórter e produtor. Quando parava para pensar no que estava fazendo, concluía que é impossível ser radialista e jornalista das 8 às 18 horas, com uma hora de almoço e sábados e domingos livres, como foram os meus tempos de escriturário.

---

Na comunicação o que vale é a promoção da vida e sua continuidade. Por isso, a produção radiofônica só tem limite depois de veiculada. Em seguida abre-se espaço para uma nova inserção e o circo eletrônico não pára nem com apagão.

---

## TRABALHO DO PRODUTOR

O trabalho de produtor em rádio tem semelhança com o trabalho do contra-regra. Providencia-se um mundo de coi-

---

1. PORCHAT, Maria Elisa. *Manual de radiojornalismo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. (N. Ed.)

sas para que o programa saia da melhor maneira possível. Se der algo errado na estrutura do programa, a culpa é do produtor. Quando dá certo, é a obrigação dele. Quando dá mais certo ainda, um furo no ar, por exemplo, nada acontece. Às vezes, seu nome é esquecido na ficha técnica. Porém, nada sai direito sem o produtor.

---

Muitos apresentadores, quando chegam ao estúdio, já encontram tudo pronto. Até as perguntas que farão aos entrevistados do dia.

---

Parece que não, mas o reconhecimento existe. Alguns apresentadores acabam adotando seus produtores, carregando-os para outras emissoras, nos casos de transferências.

Com os assistentes de produção e os sonoplastas, a coisa é semelhante. Ouvindo rádios, como a Bandeirantes, CBN e Eldorado, dá para perceber como estes profissionais são valorizados. Seus nomes são citados no ar e alguns produtores, como no caso da Eldorado, vão para o microfone informar a programação do dia.

Em alguns casos o produtor tem de se virar com situações de última hora, como por exemplo, quando tudo está pronto, o espelho, ou seja, o mapa com atrações e quadros fixos do programa e roteiro, repórteres pautados, matérias gravadas, tripla. Tudo prontinho. Faltam cinco minutos para o programa começar. Sonoplasta atento para o programa que vai sair do ar, dando espaço àquele que entra na se-

quência. Os minutos vão passando e, nada de o apresentador chegar. Correia. Ligação para o celular do sujeito. Caixa postal. E agora? O que fazer? Só falta um minuto. O apresentador do programa anterior se despede. O próximo ainda não chegou. Que sufoco! “Sonoplasta, coloque comercial no ar. Ele deve estar chegando. Solte vinhetas da rádio”. Os âncoras, apresentadores, enfim, podem se atrasar por diversos motivos, ou num daqueles dias de trânsito e bateria de celular fraca essas coisas acontecem. O que fazer nesses casos? Isso varia de emissora para emissora.

Na rádio Capital aconteceu diversas vezes comigo, enquanto era produtor. Mas o que fazer? Alternativas: pedir ao apresentador que está saindo que continue no ar, ou então já aconteceu de colocar o apresentador por celular, abrindo o programa ainda no carro direto do trânsito – sabe como é São Paulo. Nesses casos, é importante que o produtor seja ágil e prevenido. Ele também pode correr atrás de um locutor que abra o programa. Assim podem ser exibidas as matérias gravadas, ou mesmo ao vivo.

Nas rádios *all news*, com programação totalmente voltada para o jornalismo, isso é mais fácil. Sempre tem mais de um apresentador no comando do jornal, ou o âncora anterior dá continuidade. Nas populares, normalmente os programas têm o nome dos apresentadores, Eli Correa, Paulo Lopes, Paulo Barboza etc. São nomes com patrocinadores certos, por isso cada um defende o seu horário e pronto. Na Capital, um dia a apre-



sentadora Sonia Abrão ficou doente. Só consegui saber disso minutos antes de o programa começar. Corri feito um louco para tentar solucionar o problema. Na época o diretor artístico, Roberto Gama, me disse: “é você mesmo quem vai comandar”. Fiquei passado e engomado.

Apesar de repórter e produtor, nunca tinha tido a experiência de segurar um programa inteiro, chamando quadros, fazendo comentários etc. Não tive tempo de pensar, mal passei as coordenadas para a minha assistente de produção, a Daniele Scarpeli, e entrei no estúdio. Quando a vinheta de abertura terminou e o sonoplasta me apontou o dedo: o negócio era comigo. Lá fui eu: É..., bom dia, 9 horas em São Paulo... Eram oito horas da manhã. Errei a hora logo de início. Para me livrar daquela bendita oportunidade, anunciei as manchetes rapidamente e chamei uma música. O programa tinha a participação dos ouvintes. Foram eles que me ajudaram. Entravam no ar, para comentar os assuntos do dia, ou participar das promoções da rádio, me dando conselhos, “força aí meu...”. Senti-me mais à vontade. Quando percebi que estava indo bem o programa acabou.

Também sobra para o produtor o atendimento aos ouvintes, apesar de as atendentes resolverem os primeiros contatos. Mas às vezes a solução quem dá é o produtor. Numa rádio popular é comum ouvintes ligarem pedindo música, procurando pessoas desaparecidas, gente querendo casar, procurando marido, mulher, vestido de noiva, um cachorrinho. Ouvintes também costumam visitar a emissora, principalmente quando esta possui trabalhos de assistencialismo. Numa dessas ocasiões, enquanto eu corria de um lado para o ou-

tro, com o programa no ar, colocando repórteres ao vivo, matérias gravadas e tudo o mais, chega uma ouvinte. Ela havia feito um contato telefônico e precisava de um médico. Foi à rádio fazer o apelo.

A Capital tem sede na Avenida Nove de Julho, numa antiga casa, transformada em emissora. No pátio existe uma grande piscina, onde a parte mais funda deve ter uns dois metros. Bom, a dona Irene sentiu-se mal bem à beira da piscina. Quando ela se preparava para um mergulho básico, independente de sua vontade, e da minha também, larguei todos os CDs (discos compactos) e MDs (minidiscos) que estavam em minhas mãos e corri, com a segurança Ellen, para impedir aquele banho em plena manhã de uma segunda-feira. Pegamos a dona Irene no ar, o que não foi fácil, por causa dos quilinhos a mais que ela carregava no corpo. A loucura de ter um programa ao vivo é tamanha que não deu nem tempo de rir na hora, foi só entregá-la aos cuidados da segurança e voltar correndo para a central técnica.

---

Ser produtor é isso. O profissional agiliza tudo nos bastidores, antes, durante e depois do programa no ar e os ouvintes não sabem que ele existe. A adrenalina acontece dentro e fora do estúdio.

---

Para sorte dos apresentadores, existem pessoas que, mesmo trabalhando no rádio ou na televisão, não fazem questão da fama. Na verdade são elas que mais his-

tórias têm para contar. Todos os contatos anteriores, ou seja, as pré-entrevistas são realizadas pelos produtores. São eles que ficam sabendo com antecedência quem de fato são os entrevistados, quais suas idéias e personalidade. Ligar para um político ou artista e convencê-lo a entrar no ar não é tarefa fácil, principalmente às 7 horas da manhã de uma segunda-feira ou domingo. A não ser que o interesse seja do próprio entrevistado, que queira divulgar seu projeto político ou sua peça de teatro. Aí a coisa muda. Mas do contrário, é grande o esforço de quem produz. Tem de ter um excelente poder de persuasão. Se não o programa fica vazio.

---

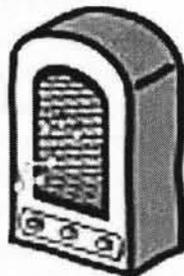
O relacionamento com os colegas de outras emissoras também é importante na troca de figurinhas.

---

É sempre importante a política da boa vizinhança, apesar da concorrência. A camaradagem nas produções internas e externas são fundamentais. O produtor também acaba sendo um repórter. Numa ocasião, em 1997, fui ao Rio de Janeiro exclusivamente para entrevistar o humorista Renato Aragão. O material serviria para produzir um programa de final de ano, já que Renato iria lançar um especial na Globo para o Natal. Quando cheguei à emissora carioca, vários outros repórteres e produtores aguardavam o Didi. Assim que ele chegou, coloquei meu microfone sobre a mesa, em frente ao sofá onde ele havia sentado. Ajoelhei-me e estiquei o fio do meu microfone que estava plugado no aparelho. Uma cole-

ga, de outra emissora, Irene Alves, fez o mesmo. Entrevistamos o Renato durante alguns minutos. De repente esta colega resolveu não mais gravar a entrevista e acionou a pausa do gravador. Detalhe: ela se confundiu e apertou a pausa do meu gravador. Continuei com o braço esticado com o microfone na mão. Resolvi dar uma olhada no gravador para verificar se não seria necessário virar a fita. Percebi então que não estava gravando nada. Acionei rapidamente *play* e *rec*.

A colega que ainda estava lá percebeu o que tinha feito. Olhamo-nos, mas nada falamos. Esperamos a entrevista terminar. Resumo da ópera: como eu havia perdido parte da gravação e ela não, pois continuou gravando, naquele dia fui parar na casa dela, onde copiei, num aparelho de som simples, o trecho que havia perdido. A partir daí, ficamos grandes amigos e ela passou a fazer *free* para nós sobre as pautas cariocas.



## ENSINAR RÁDIO

Ensinar rádio não é uma tarefa para a qual se possa contar com o auxílio de extensa bibliografia. A maioria dos livros da área está mais voltada para a história do rádio. Os poucos manuais são importantíssimos, quase todos apontando o estudioso, ou mesmo o profissional, para a prática, mas nem todos promovem uma reflexão da teoria e da ética da profissão.

Na apresentação do livro *Produção de rádio*, um guia abrangente de produção radiofônica, de Robert Mcleish, o jornalista Laurindo Lalo Leal Filho expressa

bem o aprendizado da produção em rádio: “Só quem já fez rádio sabe o prazer que esse trabalho dá. A paixão pelo rádio é uma regra na profissão. E, na maioria das vezes, aprende-se o ofício na prática. Ouvindo os mais velhos, literalmente. Imitando, criando, algumas vezes, fazendo escola”<sup>2</sup>. Pena que essas experiências são pouco sistematizadas. Parece que quem fala não escreve. Pelo menos no Brasil, a bibliografia radiofônica é escassa e os manuais, raros.

É mesmo na prática que o profissional de rádio vai se moldando. Mas a distância da teoria pode custar caro para este profissional. Um dos pecados dos radiolistas e jornalistas são as poucas paradas para o debate sobre a profissão, ou sobre postura, novas tecnologias, ou mesmo questões trabalhistas. Nunca sobra tempo, às vezes nem para ouvir a própria matéria no ar.

---

A imposição dos interesses políticos, comerciais e a linha editorial de grande parte das emissoras são fatores que pesam e o produtor deve se adaptar para sobreviver no meio.

---

A rotina diária de um produtor não difere muito de emissora para emissora. O profissional tem de estar sempre bem informado, pontual, organizado, ter uma excelente agenda, bons contatos, postura profissional, rapidez nas decisões, bom re-

lacionamento com os colegas, sobretudo com os sonoplastas. É importante que repórteres e produtores estejam afinados com os técnicos de som, pois o resultado final do trabalho depende das habilidades desses profissionais.

Como o rádio tem caráter imediatista, muitas vezes, no corre-corre, desentendimentos acontecem. A vaidade profissional, existente em qualquer profissão, não pode atrapalhar o andamento do trabalho, porém, infelizmente isso acaba acontecendo. Nem sempre existe uma boa recepção por parte dos veteranos com os novatos. Os recém formados do curso de Rádio e Televisão conhecem bem essa história. Muitos técnicos, sonoplastas, produtores e coordenadores, mais velhos, não possuem formação acadêmica, daí surgem alguns conflitos.

Relembrando minha experiência na rádio Capital e mesmo atualmente como coordenador da Gazeta AM Universitária, percebo que novas tecnologias diminuem o tempo de trabalho, mas algumas tarefas são básicas e atravessam os anos. Produzir um programa significa montar uma apresentação, pensando no que o apresentador vai dizer, nas matérias que serão veiculadas, busca de fatos, pautar repórteres, atendimento ao ouvinte, seleção de músicas, no caso de programas musicais, pensar na plástica do programa, ou seja, na seleção de fundos musicais para as matérias e trilhas sonoras etc.

Dicas são sempre importantes e alguns passos devem ser seguidos na produção de rádio. Arquivo sonoro de programas e entrevistas são indispensáveis. Este é mais

---

2. MCLEISH, Robert. *Produção de rádio, um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001. p.

um trabalho do produtor. Guardar tudo o que for para o ar e o material bruto, que um dia poderá ser utilizado. Nunca se deve apagar gravações, por mais insignificantes que elas pareçam. Um dia poderão ser utilizadas e terão grande valor.

Tanto para o repórter quanto para o produtor, o trabalho de edição exige muita paciência. Após um entrevista, o primeiro passo é a decupagem da gravação, ou seja, a seleção de trechos que deverão ser utilizados na matéria que vai ao ar. Equivale à seleção de depoimentos realizada no texto impresso. Ao invés de aspas, no rádio utilizamos sonoras, que ficam intercaladas ao texto, acompanhadas ou não de trilha sonora.

Instruir o sonoplasta é outra tarefa fundamental. Daí, ter um bom relacionamento é imprescindível. Na central técnica, o produtor ou repórter deve explicar a natureza da matéria ao sonoplasta. É importante que ele participe não só como operador, mas como colaborador. Além dos trabalhos técnicos de edição, o sonoplasta pode dar dicas importantes sobre trilhas, cortes, efeitos e outros recursos sonoros que poderão ser utilizados. Depois da decupagem, o próximo passo é a edição.

---

Editar significa selecionar, hierarquizar e emendar (mixar) trechos de uma gravação, com o objetivo de tornar a mensagem mais clara sem deturpar a fala original.

---

Antes de todo esse trabalho é importante que a qualidade do som esteja per-

feita, pelo menos audível. Nas gravações com gravador portátil é obrigatório observar as condições do aparelho, as pilhas e fitas. Realizar um teste antes da entrevista é outra obrigação. Antes de se colher uma sonora com gravador, deve-se fazer uma contagem em voz alta. Este procedimento impede que, ao transportar a sonora da fita para a mesa do estúdio, ocorra *estouro de som*. Esta contagem distancia o ruído causado pelo próprio gravador quando este é acionado. Ex.: Um, dois, três e último quatro: “Sob grave alerta, os Estados Unidos fazem um minuto de silêncio”. Outra dica importante: antes de realizar a entrevista, deve-se diminuir o volume do gravador, deixando-o sempre no mínimo quando estiver realizando uma gravação. Isso faz com que o ruído da própria fita não interfira na gravação. No estúdio também se deve testar os microfones antes de uma produção, ou verificar se há algum ruído que possa prejudicar a gravação. É importante, na pré-produção de uma matéria, garantir a gravação no MD (minidisco) e também no computador. Por telefone a mesma coisa. Tanto nas entrevistas gravadas quanto nas entrevistas ao vivo, a qualidade do som da voz do entrevistado deve ser checada pelo produtor e sonoplasta. Se necessário, a ligação deve ser refeita.

Trata-se de um exercício de paciência, que chega a ser contraditório. Na corrida contra o tempo, há momentos, nesse turbilhão eletrônico, em que o produtor tem de se concentrar e ser metuculozo, da forma mais oriental possível. Um detalhe, como uma falha em fração de segundos de uma gravação,

pode derrubar a estética de um trabalho de horas ou dias. Encaro a produção em rádio como um trabalho artístico: por mais que haja tecnologia ou

boas condições de trabalho, a necessidade sempre aparece, gerando a criatividade. Essa manobra a máquina ainda não consegue fazer.

**Resumo:** O artigo trata da experiência profissional do jornalista e radialista Pedro Vaz (Pedro Serico Vaz Filho). Ele fala de sua paixão pelo rádio e descreve as agruras do profissional dedicado à área de produção. Dá pistas sobre a especificidade da linguagem radiofônica, bem como da falta de material bibliográfico para estudo e reflexão sobre o meio. Ressalta a importância do trabalho de equipe e do respeito entre os colegas de trabalho.

**Palavras-chave:** rádio, produção em rádio, sonoplastia, radialista

**(Production in radio)**

**Abstract.** The article deals with the professional experience of journalist and broadcaster Pedro Vaz (Pedro Serico Vaz Filho). He talks about his passion for radio and describes the difficulties of the professional who is dedicated to the production area. He gives hints on the specificity of the radiophonic language, and deals with the lack of bibliographic material to study and to reflect on this medium. He also highlights the importance of team work and of respect among colleagues.

**Key words:** radio, radio production, sound effects, broadcaster